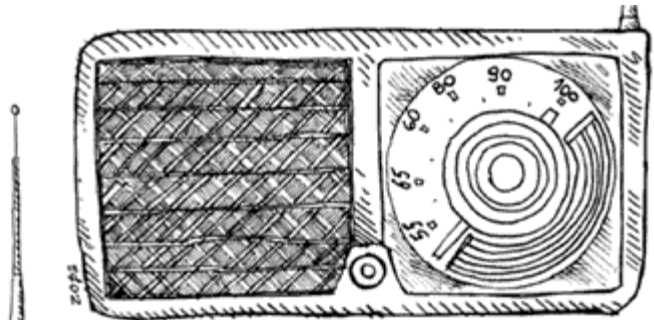


## RÁDIO É INSTRUMENTO DE CAMPANHA CONTRA A CORRUPÇÃO



No Brasil, o rádio é o meio de comunicação de massa com maior presença junto à população. As cerca de 3.500 emissoras (AM, FM e ondas curtas) atualmente em operação no país chegam a 98% da audiência, que ouve rádio durante 13 das 24 horas do dia. Entre 5h da manhã e 18 horas o rádio é a mídia de maior alcance, com índices mais altos no período entre 9h da manhã e 13 horas. Mesmo com todo esse poder de alcance, o rádio ainda é pouco utilizado para campanhas públicas, como de prevenção e de informação geral.

Foi com base nessas características e potencialidades do meio que a Transparência Brasil, organização não governamental com sede em São Paulo, criou e desenvolveu com o apoio da Rádio Eldorado de São Paulo uma campanha inédita, cujo título é Diga não à Corrupção. No ar desde julho de 2002, as mensagens incluem 14 spots, transmitidos quatro vezes ao dia, duas delas veiculadas em horários de picos de audiência. Até agora, além da Eldorado, nove emissoras AM e FM aderiram à campanha - três do interior de São Paulo, três de Minas Gerais, duas de Alagoas e outra de Rondônia.

A Transparência Brasil - associada à Transparência Internacional, com sede em Berlim - está incentivando os próprios cidadãos que tomam conhecimento da iniciativa via internet a informarem as emissoras das suas cidades e tentar convencer os dirigentes ou programadores das rádios de que a campanha é por uma boa causa. Para serem usados, basta entrar em contato com a Transparência Brasil no endereço eletrônico [tbrasil@transparencia.org.br](mailto:tbrasil@transparencia.org.br) e informar a emissora que estará veiculando os textos.

A proposta da campanha é sensibilizar o ouvinte para os males que a corrupção causa, chamando a atenção para circunstâncias que cada um pode vivenciar no cotidiano e, assim, "estimulá-lo a evitar a sua prática". São situações que podem acontecer quando, ao receber uma multa de trânsito, por exemplo, o cidadão sugere o pagamento de uma propina ao guarda ao invés de pagar a multa, cuja arrecadação é utilizada pela Prefeitura em obras que beneficiam a cidade, o coletivo da população. Ou, então, quem não conhece aquele sujeito que quebra qualquer galho, para quem não há questão com órgão público que ele não resolva? Ao defender que existe algo de muito errado nesses casos, a campanha procura estimular o cidadão a evitar tais tipos de prática.



### Sistemas de Controle Gerencial

Versão atualizada do livro dos professores Robert Anthony e Vijay Govindarajan traz como novidade vários estudos de casos - entre eles da General Electric, Xerox Corporation e Texas Instruments - além de índice remissivo de temas e autores.

## EDITORIAL

### Contabilidade no Provão!

Lino Martins da Silva

Examinando as questões incluídas no último Exame Nacional de Cursos, o "Provão" 2002, que avaliou a formação superior na área de Ciências Contábeis, verifica-se que a prova foi elaborada de acordo com a velha ótica em que o mais importante não é aferir o conhecimento, mas verificar o que os alunos não sabem. Nessa perspectiva, parte-se do princípio de que é melhor treinar o aluno para realizar concursos públicos do que aferir o seu raciocínio e a sua cultura contábil.

Ao que parece, a Contabilidade está "no olho do furacão". Tem sido alvo até mesmo de alguns educadores, que apresentaram projeto para reduzir o tempo de duração do curso superior em Ciências Contábeis. Por outro lado, muitos docentes ainda têm preferência pela denominada escola americana, que enfatiza a auto-regulamentação, dando origem a diversos casos de uma "contabilidade criativa" e imaginária da qual têm resultado grandes dores de cabeça no campo profissional.

O exame específico da prova revela a inclusão de duas questões bastante simples na área da Contabilidade Pública, o que denota uma certa preferência para que o currículo trate das entidades de produção e abandone o estudo do patrimônio das entidades de distribuição, confirmando a absurda idéia, felizmente abortada, de que os estudos da Contabilidade Pública não são prioritários. O resultado disso é que a grande maioria dos profissionais sem conhecimento da estrutura das finanças públicas muitas vezes critica a forma de apresentação das demonstrações contábeis no setor público porque deseja compara-la com o setor privado, o que, por si só, já demonstra o despreparo para esse mister.

Também não se encontra qualquer questão voltada para os fundamentos teóricos das Ciências Contábeis como, por exemplo, os decorrentes dos trabalhos de Jean Dumarchey e a sua Teoria Positiva de Contabilidade ou de Eugen Schmalenbach, com seu balanço dinâmico. Em consequência, fica a temeridade de que o aluno de Ciências Contábeis seja transformado em um produto de consumo imediato, com formação inconsistente, sem fundamentos e sem embasamentos teóricos que permitam enfrentar os desafios que a vida profissional certamente lhe reserva.

Neste Provão de 2002 é bastante tênue a preocupação com a sistematização doutrinária e daí confesso o meu desânimo. Se o ensino tiver que ser assim é preferível desvestir a contabilidade da sua roupagem científica e passar a ensinar aos alunos o modo como podem ser operadas as planilhas eletrônicas vez que, conhecendo as células que advêm da convergência entre colunas e linhas, o discente conhecerá perfeitamente os conceitos de débito e crédito, vale dizer o método das partidas dobradas, sem precisar conhecer a obra de Luca Paciolo, que há mais de 500 anos tratou do mesmo tema.

Nestes tempos modernos existe, infelizmente, uma certa tendência para a pressa e para a idéia cristalizada de que os últimos cinco anos correspondem à metade do tempo de criação do mundo. E isto é repassado aos alunos, que ficam com a idéia de que os séculos passados correspondem aos outros cinco anos. Tal premissa imediatista pode até ser aceita no que se refere às ciências aplicadas e às novas tecnologias, mas não no que diz respeito ao pensamento contábil e à cultura, pois não é crível que os percussores da contabilidade tenham feito esforço em vão.

É preciso, portanto, que as autoridades do MEC - juntamente com as Universidades responsáveis - examinem o conteúdo da prova deste ano porque, a continuar assim, demonstrará cada vez mais que o aluno de Ciências Contábeis perde cultura sendo premiados aqueles que não pensam, não fazem reflexões e preferem trabalhar com sistemas de prateleiras que dele apenas exigem um enfadonho apertar de teclas.

Sem dúvida alguma, a primeira edição do Provão de Ciências Contábeis revela que o aluno de contabilidade está sendo orientado para o pensamento imediatista de que pensar não rende, reforçando a idéia de que time is money. Se for assim, como disse certa vez Darcy Ribeiro, o ensino superior no Brasil não passará de um "escolão" de Terceiro Grau.

## ENTREVISTA

**Entrevista com Márcia Andréa Peres Suzano**  
**Auditora Geral da Controladoria Geral do Município**



Em maio de 2002, a auditora geral da CGM, Márcia Andréa Peres Suzano, e a assessora da Coordenadoria de Auditoria Operacional, Érika Coelho, estiveram durante dez dias em Sacramento, na Califórnia (EUA), onde participaram de seminários promovidos pelo The Institute of Internal Auditors - o Instituto de Auditores Internos dos Estados Unidos. Com o objetivo de aprimorar conhecimentos em Auditoria de Risco e de Desempenho, e aplicá-los na Prefeitura do Rio, elas visitaram dois órgãos públicos americanos com experiência nessa área de atuação: o Bureau of State Auditors e o Office of State Audits and Evaluations.

Pre\$tando Conta\$ - Qual foi o objetivo da sua viagem à Califórnia?

MÁRCIA ANDRÉA - Fui participar de um seminário sobre auditoria de risco, e a Érika Coelho de outro sobre auditoria de desempenho. Visitamos duas organizações americanas na área de governo com experiências em auditoria de risco e de desempenho, para verificar como é que eles aplicam isso na prática, e trazeremos essas experiências para aplicar aqui na Prefeitura. Visitamos o Bureau of State Auditors (que funciona como o nosso Tribunal de Contas, ligado ao Executivo e ao Legislativo) - e o Office of State Audits and Evaluations, que seria a Auditoria Geral daqui, atrelada ao Executivo do Estado.

Pre\$tando Conta\$ - Como surgiu o interesse em estudar o tema auditoria de risco?

M.A. - Devido a uma grande agonia de todos os dirigentes de órgãos de auditoria, no sentido de que existem milhares de unidades a serem auditadas e milhares de processos de trabalho dentro de uma organização, em especial na Prefeitura. Como se pode então organizar esse trabalho de forma a otimizar recursos e trabalhar realmente naquilo que é importante para a gestão do município? Aí surge a auditoria de risco, que tem um pré-requisito chamado gerenciamento de risco.

Pre\$tando Conta\$ - O assunto é novo?

M.A. - Não. O que mudou foi a forma como os auditores e as organizações estão olhando para essa área. Antes, o auditor era responsável por incluir no seu planejamento anual o enfoque de risco. Para isso teria de estabelecer alguns requisitos que, na visão dele, eram importantes para, ao final, auferir quais eram as áreas que ofereciam maior risco sob o ponto de vista de auditoria. A matriz de risco - na teoria anterior - era um instrumento do auditor: ele fazia a matriz, auditava e oferecia o resultado à administração. O que mudou com a nova visão foi que a matriz de risco não é mais um instrumento do auditor, mas da gestão.

Pre\$tando Conta\$ - E qual é a função do administrador nessa nova visão?

M.A. - O administrador é responsável por administrar suas tarefas focando o risco do seu negócio. Para isso, ele precisa elaborar uma matriz de risco (risk management) conversando com várias áreas, inclusive a auditoria. A administração - trazendo para a nossa realidade, o Prefeito, os Secretários e os Presidentes de empresas - é responsável por identificar, acompanhar e gerenciar os riscos do negócio que está administrando. Hoje, no enfoque de auditoria de risco, os setores de auditoria são parceiros da administração na identificação desses riscos, porque a auditoria tem conhecimento da organização como nenhum outro setor. A diferença é que, anteriormente, o risco era um trabalho do auditor na visão do auditor. Não é mais isso. O risco é um problema do gestor. É ele quem tem de saber onde estão os riscos,

porque o enfoque do auditor pode ser bem diferente.

Pre\$tando Conta\$ - Trata-se então de um trabalho conjunto entre a auditoria e as secretarias?

M.A. - Para fazer o seu planejamento, a auditoria vai utilizar o trabalho do gerenciamento de risco (risk management) - que não é um trabalho dele, mas da organização. Quando dirige uma organização, independente do tamanho, o gestor deve estar preocupado em gerenciar bem as coisas mais importantes. Aí o gestor começa a trabalhar com alguns tipos de risco e, depois de identificados, ele pode chegar a conclusão que alguns desses riscos são aceitáveis, pois fazem parte do negócio. Outros, ele não vai aceitar. Então tem que adotar medidas para minimizar ou, como se fala em auditoria de risco, mitigar o risco. Ele começa a atribuir procedimentos de controle para o risco não virar realidade. Existem outros riscos que, mesmo adotados todos os procedimentos que podem ser aplicados, ainda vão continuar existindo: é o risco residual, mas isso é aceitável.

Pre\$tando Conta\$ - Fala-se muito de risco. O que pode ser considerado risco?

M.A. - O risco é a probabilidade de acontecer um evento que vai impactar negativamente na sua organização. Nem sempre está relacionado diretamente ao dinheiro. Às vezes você tem um evento que não envolve dinheiro, mas se for exposto na mídia acaba com o seu negócio.

É o risco de imagem. Na Prefeitura, o financeiro talvez seja o de menos. Quando se tem um atendimento ruim na Saúde ou na Educação o desgaste da imagem é muito grande. O difícil é identificar o que vai impactar negativamente no seu trabalho. Esse conceito resumido pode ser aplicado a qualquer área. Para poder monitorar isso temos de ter indicadores e, conseqüentemente, um planejamento estratégico dentro da organização, mostrando sua missão, objetivos e metas, e como ela faz para cumprí-los. Nas unidades mais importantes há que se fazer uma pesquisa em todas as áreas que se deseja auditar. Saber quais são os objetivos e como se mede isso, atribuindo requisitos que sejam comuns, como o orçamento, por exemplo. Alguns requisitos serão mais importantes que outros e para diferenciar temos de atribuir pesos e notas. É um trabalho em conjunto, uma visão compartilhada, porque o auditor pode achar um requisito mais importante que o outro, discordando do gestor.

Este texto responde à enquete "Você sabe o que é Auditoria de Risco?".  
O resultado foi o seguinte: 34 pessoas responderam "sim", 69 "não" e 11 "em parte".

## ENTREVISTA

**Entrevista com Márcia Andréa Peres Suzano**  
**Auditora Geral da Controladoria Geral do Município**

Pre\$tando Conta\$ - A auditoria de risco facilita o planejamento e a execução do trabalho?

M.A. - Ela vai possibilitar ao auditor trabalhar assuntos que são realmente importantes para a administração. Às vezes o órgão de auditoria acaba fazendo trabalhos que demandam muito tempo, mas que não têm impacto tão grande junto à gestão e à população. Deveríamos debitar esse tempo em assuntos que vão afetar a gestão e reverter em benefício da população. Através de um gerenciamento de risco, o auditor pode planejar seu trabalho de acordo com as áreas mais relevantes.

Pre\$tando Conta\$ - Existem experiências de auditoria de risco no Brasil?

M.A. - Poucas. Estive na Califórnia com o objetivo de buscar subsídios baseada nisso, pois os órgãos que visitei têm um trabalho nessa área. Acontece que a realidade de lá é muito diferente da nossa em relação à cultura e à forma de trabalho. Na Califórnia, todos os órgãos de governo são obrigados a ter um plano estratégico, o que dá uma grande possibilidade de trabalhar com mapeamento de risco. Eles têm seus indicadores, suas metas, etc. Nós na Prefeitura não temos nada com relação a risco, vamos ter de começar do zero, e queremos começar via auditoria: fazer um 'piloto' de uma determinada organização e estudar

como esta técnica se aplica ali.

Pre\$tando Conta\$ - Qual será a melhor forma de implementar tal sistema na prefeitura do Rio?

M.A. - É como o Prefeito diz: por meio do carrossel organizacional. A melhor forma é começar pequeno, pegar o projeto piloto e trabalhar dentro dessa organização usando técnicas para conhecer os riscos, conversar com os dirigentes, ver os objetivos, etc. Depois, começar a abrir para as outras organizações. Não é um trabalho rápido e fácil. Se fosse só de auditoria seria mais fácil. Para fazer auditoria de risco é preciso ter gerenciamento do risco e quem vai gerenciar é o dirigente, que deve estar consciente disso.

Pre\$tando Conta\$ - Há alguma dificuldade maior para implantar esse modelo?

M.A. - A cultura gerencial é um entrave em um primeiro momento. Se já tivéssemos uma cultura gerencial instituída, ou seja, se o administrador já tivesse seu planejamento estratégico internalizado na organização, ficaria mais fácil trazer para uma linguagem de risco, porque já se saberia quais são os objetivos e o que pode dar errado. Não temos essa cultura do planejamento estratégico na organização pública, estamos mais na cultura do "vamos fazer". Uma vantagem nossa é a introdução do Plano Plurianual (o PPA, vigorando em 2002), um instrumento de planejamento e orçamento. Já começamos a introduzir na Prefeitura do Rio uma idéia de indicador, ou seja, todas devem monitorar o seu orçamento de acordo com o que está gastando fisicamente. Mas também não é uma coisa que vai internalizar rápido. Já é, entretanto, um bom sinal para criar uma cultura de planejamento e acompanhamento da execução.

Pre\$tando Conta\$ - Quando de fato a auditoria de risco começará a ser implantada no município?

M.A. - A pretensão é implantar ainda este ano o projeto em uma organização (Secretaria ou empresa pública) que será escolhida. Mas não é um processo rápido. Vamos primeiro fazer um piloto e transformá-lo em um caso de sucesso. Independente dessa experiência, vamos fazer uma matriz maior, junto ao Controlador, ao Prefeito e em todas as Secretarias, para sabermos em qual começar primeiro. Nem sempre podemos iniciar com a mais importante.

Pre\$tando Conta\$ - Já existe algum evento programado na CGM para discutir essa questão do risco?

M.A. - No segundo semestre, em setembro, programamos uma Semana de Auditoria. Vamos trazer pessoas para falar sobre a área em geral e também sobre risco.

Pre\$tando Conta\$ - Mudando um pouco de assunto, quais são as conseqüências mais imediatas dos últimos escândalos envolvendo empresas como a Enron e a WorldCom?

M.A. - Esses fatos vão gerar uma grande mudança tanto no mercado de auditoria independente como no posicionamento das auditorias internas, porque se rompeu a credibilidade na prestação de serviços dessas organizações. É uma questão ética. O auditor deve se posicionar de maneira independente, pois não tem nenhuma relação com a administração. Isso acabou sendo rompido com esses episódios. Já se fala nos EUA em não ter mais contratação direta de auditoria independente pela empresa. Haveria um órgão de governo que regulamentaria o assunto e criaria um fundo responsável por agenciar essas contratações, em rodízios permanentes, de forma a não criar certos vínculos.

Pre\$tando Conta\$ - De que maneira o mercado de auditoria foi atingido?

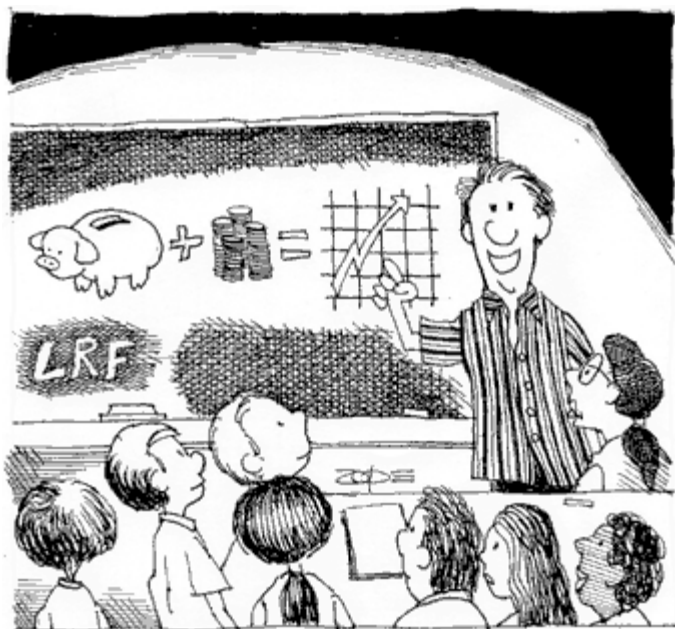
M.A. - O que eu vejo de mais complicado nessa história é o rompimento do paradigma da credibilidade que envolve questões éticas e morais. Para o mercado de auditoria isso é muito ruim, porque cria essa instabilidade toda. Se há uma aceitação das coisas que acontecem e que tecnicamente não estão corretas rompe-se com a missão institucional e a auditoria passa a não ter mais necessidade de existir, mas sim uma assessoria, para assessorar o que não está correto, dar um jeito... A auditoria tem que identificar os problemas e relatá-los, ainda que não seja bom para a empresa ou instituição.

**Prefeito inaugura série Profissões nas Escolas em conversa com mais de 80 adolescentes**

O prefeito Cesar Maia, acompanhado da secretária de Educação Sônia Mograbi, participou no dia 12 de julho de um encontro com 84 alunos de escolas municipais no Planetário da Gávea, inaugurando a série As Profissões nas Escolas. O programa prevê que servidores municipais concursados para profissões específicas se encontrem com turmas de escolas do município da 5ª à 8ª série do ensino fundamental, para apresentar de maneira informal suas respectivas profissões e experiências e dar uma idéia do que seja o mercado de trabalho no setor público e no privado. Secretários e presidentes de autarquias também deverão participar do programa. O objetivo principal é orientar e informar os estudantes do segundo segmento do ensino fundamental.

O Controlador Geral do Município, Lino Martins, colocou a Controladoria à disposição do projeto para tratar da profissão de contador - que é maioria entre os funcionários da CGM. Segundo o coordenador de Recursos Humanos da Controladoria, Jorge Carvalho, os profissionais devem participar com o objetivo de despertar nas crianças o interesse e o gosto por determinada carreira. A intenção é levar profissionais que, na infância, estudaram em escolas públicas para que os alunos possam se identificar com os palestrantes. No mês de outubro, profissionais da CGM visitarão uma escola municipal no Grajaú, na zona norte do Rio de Janeiro.

Na visita ao Planetário em julho, o prefeito conversou informalmente por mais de duas horas com os adolescentes. Falou sobre a sua carreira de economista e abordou temas atuais, como o mercado de trabalho. De acordo com o coordenador do programa, professor Paulo Rezende, o prefeito se surpreendeu com o nível das perguntas feitas pelos alunos, que demonstraram curiosidade sobre as questões econômicas e fizeram perguntas inclusive sobre o risco-Brasil. "Foi um gol de placa valioso para as crianças", disse Rezende.



A idéia do programa surgiu em uma viagem a Londres, no início de 2002, quando o prefeito Cesar Maia ficou fascinado por um projeto que nos colégios britânicos é conhecido como Feira de Carreiras. As escolas promovem uma feira com barraquinhas organizadas por profissão, com palestras, fotos e cartazes - tudo com o objetivo de orientar as crianças e os adolescentes na escolha da carreira profissional que poderão seguir no futuro.

O sucesso do programa britânico motivou o Prefeito, que - "considerando a necessidade de que os alunos da 5ª à 8ª série das escolas municipais tenham amplo conhecimento de todas as possibilidades profissionais existentes" e "que a motivação para ter uma profissão é o primeiro passo para o progresso pessoal e a redução da evasão" - criou pelo decreto nº 21180, de 25 de março de 2002, o projeto As Profissões nas Escolas.

ESTANTE

## Relatos de um continente pouco conhecido



Ébano: minha vida na África  
Ryszard Kapuscinski  
Companhia das Letras, 2002. 358 p.

A África é uma explosão de luz, de cores e de cheiros, onde os nativos e a paisagem formam uma unidade harmoniosa e o sol é permanente. Estas foram as primeiras impressões do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski (pronuncia-se Kozinski) ao desembarcar pela primeira vez, em 1957, no continente africano. Estão relatadas no capítulo "O Choque inicial" de seu livro *Ébano: minha vida na África*, editado pela Companhia das Letras em 2002.

O correspondente conta que, na África, a vida acontece em um ritmo diferente daquele em que estamos acostumados a viver: "um europeu sente-se escravo do tempo, depende dele, está sob seu domínio. O tempo o oprime com seu rigor, suas demandas e suas normas. O tempo anula o homem. Já os habitantes da África têm uma noção totalmente diferente. Para eles, o tempo é algo mais solto, aberto, elástico e subjetivo. O tempo chega a ser algo que o homem pode criar, pois a existência dele se revela por acontecimentos, e o fato de algo acontecer ou não, depende do homem. Tomemos um exemplo prático: se formos a um vilarejo onde deverá ser realizada uma reunião à tarde e ao chegarmos constatarmos que não há ninguém, não tem sentido a pergunta de quando vai começar a reunião. A resposta já é sabida de antemão, ou seja, quando as pessoas se reunirem", registra o repórter.

Ryszard Kapuscinski foi o primeiro correspondente fixo da Polônia na África negra. Cobriu várias lutas nacionais de libertação que se sucediam desde o final dos anos 1950 pelo continente africano - Zanzibar, Nigéria, Quênia, Tanganica e Uganda são algumas delas -, que entrava em uma época de distúrbios e golpes de Estado. "Em ocasiões como golpes, revoluções e guerras", diz Kapuscinski, "as grandes agências não se preocupam com custos. Pagam o que for necessário para obter informações em primeira mão. Um correspondente da AP, da AFP ou da BBC aluga um avião, um navio, compra um carro, tudo enfim que for necessário para chegar ao local dos acontecimentos. Eu não tinha a mínima chance com uma concorrência destas; podia contar apenas com um golpe de sorte".

Apesar das perdas materiais e humanas ocasionadas com as revoltas, a vida na África voltava rapidamente a seu ritmo normal, se recompunha num piscar de olhos, revelando a fragilidade, a precariedade, a miséria e a condição de que tudo é provisório no continente: "se por um lado, rapidamente, se pode construir um vilarejo, uma plantação ou uma estrada, também rapidamente se pode reconstruí-la," constata o jornalista.

Kapuscinski testemunhou o cotidiano dos africanos convivendo com eles em bairros de ruas empoeiradas e caóticas, sem saneamento básico, em becos insalubres, onde a maioria dos moradores possui apenas uma coisa, que pode ser uma camisa, uma panela ou um machete. É tocante a história de uma mulher cujo único bem era uma panela com a qual ganhava a vida fazendo feijão para vender em feiras. Um dia, teve sua panela roubada e entrou em desespero.

Apesar de alertado pelos próprios africanos sobre os perigos que corria - roubos, doenças e assassinato - expondo-se daquela maneira, o jornalista polonês não se convenceu, em parte por acreditar que aqueles

que se instalavam em hotéis ou bairros de luxo não conheciam a verdadeira África. Por várias vezes, sobretudo quando viajava, teve seu apartamento roubado. O problema foi definitivamente resolvido quando pendurou na porta um amuleto de penas de galo branco, seguindo a sugestão de Suleiman, senhor de meia-idade do norte da Nigéria.

Com o conhecimento de quatro décadas em contato com o continente africano, Kapuscinski fala sobretudo da alma, da identidade cultural de um povo que reúne muitas etnias, de suas crenças e magia, das suas cidades e florestas, de seu universo enigmático e ainda pouco conhecido. Seu livro é um mergulho na África profunda.

### **Gerências Setoriais "controlam" a Prefeitura**

Verificar os processos de compra, fatura e contratação de serviços, além de inspecionar e controlar os bens patrimoniais e de almoxarifado das 24 Secretarias da Prefeitura do Rio. Estas são as principais atribuições das Gerências Setoriais de Contabilidade e Auditoria, que através de 12 gerências - e dez subgerências de Educação - controlam tais procedimentos nos órgãos de administração direta do município. Criada em dezembro de 1993 (na primeira gestão do Prefeito Cesar Maia) pelo atual Controlador Geral, Lino Martins, as Gerências Setoriais estão, desde janeiro de 2001, sob a coordenação de Rosângela dos Santos Silva.

Com 238 funcionários sob sua supervisão, Rosângela reconhece que seus principais desafios são estreitar a comunicação entre as Gerências e as Secretarias possibilitando um trabalho de parceria entre os órgãos, além de buscar o controle de resultados, abandonando a burocracia. "Temos sempre de questionar, buscando resultados. O custo do controle tem que ser mais barato que o benefício que ele vai trazer", diz Rosângela.

Trabalhando em equipe, ela está tentando modernizar o órgão: "Estamos reformulando o módulo de contratos do Fincon (Sistema Financeiro Contábil da Prefeitura) e buscando levantar indicadores de eficiência na análise de processos. É um trabalho contínuo", diz.

As 12 Gerências Setoriais estão divididas entre as 24 Secretarias. As áreas de maior relevância, como Saúde, Educação e Obras, são controladas por uma Gerência Setorial específica subordinada diretamente à Controladoria - o que possibilita imparcialidade na execução do trabalho. Outros órgãos de menor expressão orçamentária são inspecionados por uma mesma Gerência, que atua em duas ou até três Secretarias.

Além de ter uma Gerência Setorial específica, a Educação ainda possui dez subgerências, necessárias para controlar os processos administrativos das 1.029 escolas espalhadas pelo município. Na Saúde, a demanda igualmente grande: "Para se ter uma idéia, dos cerca de 210 almoxarifados em toda a Prefeitura, cerca de 150 estão na Saúde", afirma Rosângela - acrescentando que, para trabalhos de verificação na Saúde, Gerências responsáveis por outras Secretarias são convocadas, dividindo as tarefas. "É por isso que as Gerências são encaradas como uma única equipe", ressalta.

Rosângela Santos Silva revela que como tem de verificar e controlar as compras, faturas e bens patrimoniais, muitas vezes a Gerência é vista como "a chata" em algumas Secretarias. Por isso, diz ela, a intenção é estreitar a comunicação e fazer os técnicos do município entenderem que o objetivo final é zelar pelo patrimônio da Prefeitura. Por ano, as Gerências Setoriais realizam cerca de 600 verificações nos órgãos da Prefeitura. Apesar da demanda de processos administrativos ser muito maior, Rosângela afirma que a intenção é de pelo menos dobrar este número em longo prazo.

### **Áreas de atuação das 12 Gerências**

1. Administração, Turismo, Defesa dos Animais
2. Culturas, Controladoria Geral
3. Desenvolvimento Social, Terceira Idade
4. Fazenda; Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia
5. Governo, Gabinete do Prefeito, Projetos Especiais, Assuntos Estratégicos



6. 6. Obras e Serviços Públicos
7. 7. Trabalho e Renda, Procuradoria Geral
8. 8. Saúde
9. 9. Transporte, Esporte e Lazer, Prevenção à Dependência Química
10. 10. Habitação
11. 11. Urbanismo, Meio Ambiente
12. 12. Educação - subdividida em dez subgerências

## **RÁDIO É INSTRUMENTO DE CAMPANHA CONTRA A CORRUPÇÃO**

Spots da Campanha:

### **Diga não à corrupção**

Você tem idéia de como o prefeito gasta o dinheiro de sua cidade? Você sabia que a Constituição obriga o prefeito a mostrar tudo o que ele faz com o dinheiro público? E que a Câmara de Vereadores tem o dever de fiscalizar o comportamento do prefeito? Descubra se isso está acontecendo na sua cidade. Acompanhe as sessões da Câmara da sua cidade.

Não deixe que a corrupção faça parte da sua vida.

### **Diga não à corrupção**

Sabe aquele sujeito que você conhece, que quebra qualquer galho, resolve qualquer problema e está sempre rindo? Não há questão com órgão público que ele não resolva. Ou pelo menos é o que ele diz. Você não acha que há algo de errado nisso? O que é quebrar o galho? Não é furar a fila, descumprir uma obrigação? Levar vantagem sobre os outros? Sobre você? Não ache graça, porque aquele sujeito está rindo é de você.

Não deixe que a corrupção faça parte da sua vida.

### **Diga não à corrupção**

Você, aí no trânsito, está para ser multado? Veja lá! Não pague propina ao guarda. Olhe para aquele buraco na rua. Você sabia que a Prefeitura não tem dinheiro para tapar os buracos da cidade? As multas de trânsito levantam dinheiro para isso. Mas cada vez que alguém suborna um guarda de trânsito, algum buraco deixa de ser tapado. A propina é como um buraco. Quanto mais gente paga propina, mais fundo fica o buraco. Não pague propina ao guarda.

Não deixe que a corrupção faça parte da sua vida.

Expediente:

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

**Prefeito:** Cesar Maia

**Vice-Prefeito:** Marco Antonio Vales

Controladoria Geral do Município

**Controlador Geral:** Lino Martins da Silva

**Sub-controlador:** Vinícius Viana

Assessoria de Comunicação

**Assessora:** Sonia Virgínia Moreira

Pre\$tando Conta\$

**Edição:** Sonia Virgínia Moreira

**Redação:** Graça Louzada e Philippe Deschamps

**Editoração:** Inez Torres

**Ilustração:** Zope